

A ARMADILHA

cia. de teatro

CAFÉ ANDALUZ
de Alejandro Kauderer

Sobre o Autor

Alejandro Kauderer nasceu em Málaga, na Espanha a 10 de fevereiro de 1970. Trabalhou como garçom, taxista e jornalista antes de se tornar escritor. Desde 1999, tem uma coluna chamada “Café Andaluz” na revista “Ilusiones”.

Escreve contos curtos e cenas para teatro sem nunca ter escrito uma peça completa, embora várias cenas já tenham sido encenadas como fragmentos em outras peças. Seus temas são relacionados principalmente à memória, ao desejo, à culpa, ao tédio, ao acaso e principalmente à comunicação. Uma das suas características mais marcantes é o uso de diálogos sem rubrica, apenas travessões, sem definir quem ou quantos são os personagens do texto.

Atualmente vive em Barcelona, com a mulher Magdalena e as duas filhas.

O espetáculo, por Diego Fortes

O contato com a obra de Alejandro Kauderer se deu na Espanha. Eu estive em Barcelona em 2002 e conheci algumas pessoas ligadas a teatro. Elas me apresentaram alguns dos textos e me deram o contato do autor. Mas só vim a falar com ele quando estava de volta ao Brasil, nunca nos vimos pessoalmente. Aliás, ele é muito reservado em relação à própria imagem, igual ao escritor curitibano Dalton Trevisan.

Em 2005, nós resolvemos montar um espetáculo em Curitiba com o mesmo nome da coluna dele usando alguns dos textos que ele havia me mandado. E assim surgiu o “Café Andaluz”, um espetáculo de seis atores e inúmeros personagens. A montagem tentava preservar ao máximo o texto traduzido por mim com mínimas adaptações – todas revisadas pelo autor. Para tentar manter o espírito da coluna, mantivemos algumas cenas em espanhol, inclusive as duas primeiras. A intenção era de que o público pudesse ouvir aquele texto pela primeira vez na língua original.

Por alguma razão, as cenas curtas sempre estiveram presentes na dramaturgia d’ **A Armadilha – cia. de teatro**. Talvez seja coincidência (os textos não foram escolhidos por esse critério). Ou talvez exista em nós uma necessidade de intertextualidade maior do que o aprofundamento em um tema só.

As cenas curtas permitem um uso variado de linguagens – embora elas próprias já constituam uma. É possível trabalhar diferentes climas, ritmos e tipos de interpretação sem a obrigatoriedade de uma transição justificada na narrativa e mesmo assim construir uma unidade. É como um conjunto de histórias que agregadas formam uma sugestão, no lugar de uma história com começo, meio e que contenha um desfecho significativo.

Para a montagem do espetáculo “Café Andaluz” em Curitiba, o autor escreveu especialmente a cena “Strangers in the night”.

LA NO-FILOSOFIA

- ¿Como?
- ¿Que fue?
- Nada.
- Ah...
- Pensé que hubieras dicho alguna cosa.
- No.
- ¿Seguro?
- Si, no he dicho nada.
- Ah, pensé que tu hubieras...
- No, yo no.
- Pero dime una cosa.
- Venga.
- Cualquier cosa.
- ¿Como así?
- Háblame alguna cosa.
- ¿Como así alguna cosa?
- Alguna cosa.
- ¿Alguna cosa relativa a qué?
- A cualquier cosa. Por ejemplo: ¿en que estabas pensando?
- ¿Por qué?
- ¡Ah, que sé yo! ¿En que estabas pensando?
- No me acuerdo. ¿Cuando?
- Ahora.
- No sé.
- ¿Como no sabes?
- No sé, creo que en la vida.
- ¿Como así?
- En la vida, en las cosas... En la vida, pues.
- Sí, ¿pero en qué?
- Creo que en el trabajo.
- ¿Qué en el trabajo?
- Que es lo que yo hago para ganar dinero. Listo.
- ¿Te gustas?
- Me gusta, que sé yo. ¿Estudié para eso, no?
- Para trabajar o para ganar dinero?
- ¿No es lo mismo?
- No.
- ¡Ah, no lo sé que tu quieras saber!
- Quiero saber en qué estabas pensando.
- Ah, que sé yo. Creo que no estaba pensando en nada.

- ¿No estabas pensando en nada?
- Si, no estaba pensando en nada.
- ¿Nada mismo?
- ¡Nada de nada!
- ¿Eso te pasa siempre?
- (triste) Pasa... ¿Y contigo?
- (triste) También... (Pausa) En realidad, yo quería tener alguna cosa en que pensar, por eso te he preguntado.
- ¿Querías alquilar mi pensamiento?
- Quería. Pero no tienes ninguno...
- (devolviendo) ¡Ni tu!
- (más triste) Lo sé...
- ¿Qué nos vamos?
- ¿Y hacer qué?
- Quedarnos sin hacer nada.
- ¿Será?
- ¿Tienes una idea mejor?
- Pida la adición.

BUENAS NOCHES

Buenas Noches, Señoras y Señores. Bienvenidos a más una presentación del espectáculo Café Andaluz. Es una satisfacción inmensa tener a vosotros todos esta noche y queremos recordaros que se apaguen los móviles y los pagers, aunque nadie más tenga pagers, pero... bueno, también no es permitido sacar fotos o registrar de cualquier modo la presente pieza de teatro. A los que se resientan con el siguiente contenido, que vos acordáis que esto es apenas y tan solamente una pieza de teatro y como tanto, ella no existe de verdad. Solo lo que hay, son vosotros. Nosotros también... pero no ahora. Ahora, solamente existen vosotros en un teatro. Muchas gracias, buen espectáculo y que aprovechen la próxima hora y tanto.

A NÃO-FILOSOFIA

- Hein?
- O que foi?
- Nada.
- Ah...
- Pensei que você tivesse dito alguma coisa.
- Não.
- Certeza?
- Sim, não disse nada.
- Ah, eu pensei que você tivesse...
- Não, eu não.
- Mas me diga uma coisa.
- Fala.
- Qualquer coisa.
- Como assim?
- Me fala alguma coisa.

- Como assim alguma coisa?
- Alguma coisa.
- Alguma coisa relativa à quê?
- À qualquer coisa. Por exemplo: no que é que você estava pensando?
- Por quê?
- Ah, sei lá! No que é que você estava pensando?
- Não lembro. Quando?
- Agora.
- Não sei.
- Como que não sabe?
- Não sei, acho que na vida.
- Como assim?
- Na vida, nas coisas... Na vida, ué.
- Sim, mas no quê?
- Acho que no trabalho.
- O que é que tem o trabalho?
- Tem que é o que eu faço pra ganhar dinheiro. Pronto.
- Você gosta?
- Gosto, sei lá. Estudei pra isso, né?
- Pra trabalhar ou pra ganhar dinheiro?
- Não é a mesma coisa?
- Não.
- Ah, eu não sei o que você quer saber!
- Quero saber no que é que você estava pensando.
- Ah, sei lá. Acho que eu não estava pensando em nada.
- Não estava pensando em nada?
- Sim, não estava pensando em nada.
- Nada mesmo?
- Nadinha!
- Isso acontece sempre?
- (triste) Acontece... E com você?
- (triste) Também... (pausa) Na verdade, eu queria ter alguma coisa no que pensar, por isso eu te perguntei.
- Você queria emprestar o meu pensamento?
- Queria. Só que você não tem nenhum...
- (devolvendo) Nem você!
- (mais triste) Eu sei...
- Vamos embora?
- E fazer o quê?
- Ficar sem fazer nada.
- Será?
- Você tem uma idéia melhor?
- Pede a conta.

DÉJA-VU

- Que engraçado...
- O quê?
- Essa mesa.
- O que foi?
- Tive a sensação de que eu já estive aqui.
- Você já conhecia este lugar?
- Não, essa parte da cidade eu não conheço muito bem.
- Pois é, nem eu.
- Bom...
- Deixa pra lá... Nora, é tão bom ver você!
- Quanto tempo, não é?
- Muito tempo! Muito tempo mesmo. A última vez que a gente se viu a gente devia ter o quê? Uns doze anos.
- É. Por aí... Você devia ter doze, eu, treze e a Thereza, dez.
- E sua irmã Theresa? Como ela está?
- Está bem. Casou, você sabia?
- Sabia. Quer dizer, não. Não sabia. Casou, é?
- É. Uns dois anos agora.
- E a Theresa está morando aonde, Nora?
- Theresa mora na rua daquele hospital lá do bairro.
- Sei. Sempre que eu andava por aquela rua eu me lembrava de você. De você e de Theresa.
- Ah, é? Por quê?
- Não sei. Acho que por causa das flores. Havia muitas flores naquela rua e elas me fazem me lembrar de você. De você e de Nora, digo, de Theresa.
- Ah, obrigada, acho. Você não se casou?
- Não. (mudando de assunto repentinamente) Lembra uma vez quando a gente era bem pequeno que nós fomos brincar no quintal da sua casa e você me deu umas flores pra cheirar?
- Mais ou menos.
- Não lembra, Nora? Que eu fui cheirar e entrou uma abelha no meu nariz?
- No seu nariz?
- Não lembra? Você me deu um tapa pra matar a abelha, bateu em mim e ainda por cima a abelha me mordeu.
- Mas isso não aconteceu com você!
- Claro que aconteceu. Eu me lembro.
- Isso aconteceu com a Theresa.
- Imagina! Eu me lembro bem daquele dia.
- Foi com a Theresa. Você levou as flores pra ela e entrou uma abelha no nariz dela, você se assustou e deu um tapa na abelha. Seu tapa foi tão forte que saiu sangue, o ferrão ficou preso e ainda precisou dar ponto. Até hoje ela tem uma narina menor que a outra.
- Mas eu me lembro!
- Você chorou mais do que a Theresa aquele dia... Além do mais, por que eu ia te dar flores? Naquele tempo eu nem gostava de você. E você também não gostava de mim por que eu sabia que você gostava da Theresa. Coisa de criança, né? Lembrou agora?
- Theresa, eu me lembro como se tivesse sido ontem!
- Nora.

- O quê?
- Nora. Você me chamou de Theresa.
- Nora. Chamei você de Nora. Não é o seu nome?
- É.
- Então... Engraçado. Tudo nesse café é tão familiar...
- Impressão sua.
- E você lembra aquela vez que a Theresa me deu um cartão no Dia dos Namorados e você achou?
- Espera aí! Eu achei um cartão de Dia dos Namorados que você deu pra Theresa! Ficou louco?
- Ah, é...
- Aquela hospital da rua onde a Theresa mora, ele foi reformado, não foi?
- Acho que sim.
- Agora ele tem uma cor esverdeada como um azul-piscina. Mas você se lembra de que cor ele era antes da reforma?
- Amarelo, eu imagino.
- Amarelo?
- Quase um sépia.
- Sépia?
- Quase como o céu no fim da tarde.
- E se eu lhe dissesse que eu me lembro dele com tijolos à vista?
- Tijolos à vista? Não, nunca foi assim. Não seria o mercadinho?
- Não lembro. Eu tenho dificuldades em me lembrar de algumas coisas. Me parece que a cada minuto que passa, eu perco mais uma memória. Mais uma memória perdida para sempre.

Garçonete:

- De quem é esse suco?
- Meu.
- Meu! Você pediu café.
- Theresa, por favor!
- Nora!
- O quê?
- Você me chamou de Theresa de novo.
- Posso?

O EXERCÍCIO GASTRONÔMICO

- Hein?
- O que foi?
- Nada.
- Ah...
- Pensei que você tivesse dito alguma coisa.
- Não.
- Certeza?
- Sim, não disse nada.
- Ah, eu pensei que você tivesse...
- Não, eu não.

- Que tempo, né?
- Será que chove?
- Acho que sim. Mas eu vivo me enganando com essas coisas.
- Que coisas?
- Do tempo. Eu nunca acerto.
- Ah, eu de vez em quando acerto, de vez em quando eu erro. Mas é bem comum eu acertar.
- É?
- Mais ou menos.
- Tem gente que sente quando vai chover, né?
- Diz que dói nas juntas.
- Mas quando tá bem frio é bom pra ficar em casa.
- Nos dias em que estou em casa, eu aproveito pra ler.
- E o que você gosta de ler?
- Livros de receita.
- Mesmo? Você gosta de cozinhar?
- Não. Apenas aprecio os livros. Fico imaginando o gosto dos ingredientes, a textura, o cheiro. Como eles se misturam e assam e fritam e como ficam depois de pronto. Macio, crocante, doce, amargo - quente, morno, geladinho.
- Mas nunca experimentou preparar um dos pratos?
- Ah, já. Há muito tempo...
- E o que era?
- Cuscuz.
- Cuscuz?
- Cuscuzinho.
- Cuscuz de que jeito?
- Cuscuz marroquino com escalope de mignon ao molho de romã.
- É difícil?
- Nã... Você só precisa de:
2 xícaras de chá de preparado para cuscuz marroquino;
1 cubo de caldo de carne dissolvido em 2 xícaras e meia de chá de água fervente;
1 dente de alho amassado;
1/2 cenoura; 1/2 pimentão amarelo e 1/2 pimentão vermelho cortado em cubos pequenos;
2 abobrinhas pequenas, com casca, cortadas em cubos pequenos;
1 berinjela japonesa cortada em cubos pequenos;
4 escalopes de filé mignon;
1/2 colheres de sopa de xarope de romã;
1/2 xícara de chá de farinha de trigo;
2 colheres de sopa de manteiga;
azeite de oliva;
sal e pimenta.

Tendo isso, você coloca o preparado para cuscuz em uma tigela e, sobre ele, despeja 2 xícaras do caldo fervendo, deixa 1/2. Deixa repousar por 10 minutos. Solta o cuscuz com um garfo para desfazer os grumos.

Rega com um fio de azeite, mistura novamente e reserva.

Forra o fundo de uma frigideira média com um pouco de azeite e leva ao fogo para aquecer. Adiciona o alho e, assim que ele soltar o perfume, acrescenta todos os legumes, um pouco de sal e cozinha até que estejam macios.

Retira o refogado do fogo, junta ao cuscuz e mistura bem. Acerta o sal. Se estiver muito seco, regue com mais um pouquinho de azeite. Reserve.

Tempere os escalopes com sal, pimenta, passe-os na farinha de trigo e reserve. Em uma frigideira média coloque a manteiga, um fio de azeite e leve ao fogo para aquecer. Adicione os escalopes e frite até que estejam ligeiramente dourados. Retire os escalopes da frigideira, reservando-os.

Coloque na frigideira a 1/2 xícara restante de caldo e o xarope de romã e leve ao fogo para ferver, até formar um molho ligeiramente cremoso. Volte com os escalopes à frigideira para aquecer. Dá pra 4 pessoas.

Bem simples.

- E não fez mais?

- Não.

- Por que não? Não ficou bom?

- Ficou ótimo!

- Mas então?

- Acho que a minha fome não era de comida, era do desejo mesmo.

STRANGERS IN THE NIGHT

- Olá.

- Olá.

- Martina?.

- Sim, em que posso ajudá-lo?

- Em nada, eu só estava te procurando.

- Eu não estou entendendo. O senhor quer me vender alguma coisa? Veio me dar algum recado?

- Não, na verdade eu vim até aqui por que estava atrás de você.

- Por quê?

- Nenhum motivo. Hoje de manhã eu pensei: a primeira pessoa interessante que eu encontrar na rua, eu vou seguir. E segui. E aqui estamos.

- Você me seguiu?

- Vou te dizer, não foi fácil! Teve um momento em que você se perdeu de mim. Fiquei com medo, achei que nunca mais ia ver você. Mas daí eu lhe procurei um pouco e acabei de lhe encontrar.

- Como é que você sabe o meu nome?

- Eu fui descobrindo coisas sobre você durante o dia. Descobri que seu nome é Martina, que você é advogada, que você gosta de ler revistas femininas, que você dá o lugar para os idosos no ônibus, que você bebe café com a mão esquerda. Você é canhota?

- Sou... quer dizer, não interessa! Isso é um absurdo! Você ficar me seguindo, isso não se faz, ouviu? Pode parar com isso senão eu chamo a polícia! Se esqueceu que eu sou advogada?

- Calma, eu não quero nada! Eu não vou te fazer mal. Eu só queria te conhecer. Você me pareceu uma pessoa interessante, aí eu fiquei te olhando, olhando, quando vi já estava te seguindo. Queria saber como é que você ia passar o dia.

- Você não pode fazer isso. Escolher uma pessoa na rua e ficar seguindo ela o dia todo.

- Por que não? Vai dizer que você nunca fez isso?

- Não. Evidente que não.

- Você me pareceu tão interessante! Pense: eu gastei o meu dia só para descobrir quem você é!
- Você não descobre quem eu sou num dia só... Além disso, isso é maluquice, isso é assédio e invasão de privacidade!
- Eu não invadi nada, eu só estava olhando para você. Eu só estava olhando para o que qualquer outra pessoa na rua poderia olhar. Isso não é crime. Se fosse crime, não existiriam detetives particulares.
- Você é detetive?
- Não, sou garçom.
- O que você quer então?
- Eu só queria te conhecer. Bati meu olho em você e pensei: essa é uma pessoa que eu gostaria de conhecer. Só isso. Quais eram as chances de eu estar aqui nesse café, conversando com você sobre o nosso dia juntos...
- Nosso dia juntos?
- ...sobre o seu dia que eu acompanhei, se eu não tivesse te seguido? Que eu saiba, nós não somos vizinhos. Nem somos parentes. Talvez a gente até tenha amigos em comum, mas é uma possibilidade muito pequena porque além de você eu não conheço nenhum outro advogado.
- Você não me conhece! Pára de falar de mim como se nós fôssemos íntimos!
- A questão é que se eu não tivesse ido atrás de você, talvez nunca mais eu te visse na vida.
- Você podia ter falado comigo.
- Você ia achar que era uma cantada.
- Ia mesmo, mas pelo menos é mais honesto!
- Mas eu não queria nenhum relacionamento amoroso com você.
- Não queria?
- Não.
- Por que não? Digo, o que é que você quer então?
- Eu só queria conhecer você, eu já disse. Queria ser seu amigo, saber o que você faz para viver, saber o que te chama a atenção, descobrir que você é gentil, sensível, apressada sem razão, canhota...
- Você se deu o trabalho de passar o dia me seguindo para descobrir que eu sou canhota?
- Entre outras coisas.
- Como o quê?
- Como que você come peixe com alcaparras, mas separa as alcaparras.
- Eu só gosto do gostinho que elas deixam.
- Que você adora mousse de maracujá. Você precisa ver a sua cara comendo aquele mousse.
- É, o mousse daquele lugar é uma delícia.
- Que você limpa os pés mais do que o necessário nos capachos.
- Nunca é o bastante, não engane.
- Por quê?
- Ah, já pensou em quanta sujeira a gente pisa na rua?
- Sim, mas passar um minuto inteiro limpando os pés num capacho é esquisito.
- Esquisito é ficar seguindo estranhos na rua!
- Tá, desculpa. Eu descobri também que você gosta de Frank Sinatra...
- O quê? Eu não gosto de Frank Sinatra!
- Mas você entrou naquela loja de discos e parou na frente dos discos do Frank Sinatra.
- Eu estava procurando os discos da Nina Simone.
- Quem?
- Você não conhece Nina Simone?
- Não.

- Nossa! Em que lugar você vive?
- Eu vivo num lugar onde as pessoas gostam do Frank Sinatra.
- Pois eu detesto Frank Sinatra, acho ele um chato e 'New York New York' é a música mais chata que já gravaram em toda história da música!
- Você não quis dizer isso de verdade.
- É talvez 'My Way' seja a mais chata ou talvez 'Strangers in the night'...
- (interjeição de espanto) Você não sabe o que está dizendo!
- Como que não? Você está me chamando de ignorante? Ignorante é você que não sabe nem quem é Nina Simone. Frank Sinatra é um lixo!
- Porque você está fazendo isso?
- Isso o quê?
- Destruindo uma relação que a gente levou um dia inteiro para construir.
- Amigo, você é maluco. Por que é que você não vai pra casa ouvir Frank Sinatra e pára de seguir os outros na rua? (levanta) Maluco! (sai)
- Eu não entendo, ela parecia uma pessoa tão legal... quem sabe amanhã...

OS OLHARES SUSPEITOS

- Não que vocês não me pareçam boas pessoas, mas é que eu não posso.
 - Não pode ou não quer?
 - Não posso, nem quero.
 - Ah, o que é que tem? Você não confia na gente?
 - Confio. Mas não é isso.
 - Você não ficou nem um pouquinho balançado com o convite?
 - Fiquei. E agradeço o convite de vocês, mas acho que eu ainda não estou preparado para uma coisa dessas.
 - Claro que está. Você é que não sabe. Ah, vamos lá!
 - Não, desculpe. Eu não posso.
 - Claro que pode. Todo mundo pode. Você é livre, pode fazer o que quiser!
 - Não é bem assim. Além disso, o que é que as pessoas vão pensar?
 - Que pessoas?
 - Não sei, as pessoas, não é? Minha mãe, por exemplo.
 - Sua mãe?!? O que sua mãe tem a ver com isso?
 - Não sei. Alguém pode contar pra ela.
 - Alguém quem?
 - Alguém, um vizinho por exemplo.
 - Vizinho de quem? Seu?
 - Pode ser.
 - A gente não pensou em ir para a sua casa. A gente não vai nem chegar perto da sua casa se você quiser.
 - Um conhecido pode ver, eu posso encontrar um conhecido.
 - A gente pode fazer isso num lugar bem afastado.
 - Não importa. Uma vez eu encontrei um antigo professor no Paraguai!
 - E daí?
- Pequena pausa*
- E daí nada Nem falei com ele. Pra falar a verdade, nem sei se era ele mesmo...
 - Viu só? É só paranóia sua.

- Eu sei. Às vezes eu acho que tem alguém me observando, sabe? Sempre. Sabe aquele adesivinhos: 'Sorria, você está sendo filmado!?' Eu tenho horror daquilo, porque além de estar sendo observado, eu estou sendo registrado! Não é terrível? Como é que eu posso sorrir? Pensar que tem sempre alguém olhando pra você. Eu tenho medo até daquelas pessoas que ficam encarando quando você cruza com elas na rua, sabe? O que é que elas estão olhando? Será que elas sabem alguma coisa?
- Eu nunca tinha pensado nisso. Ter sempre alguém olhando pra você... É horrível mesmo! Tá, mas e quando você está sozinho? Em casa, por exemplo. Ou numa rua vazia de madrugada?
- Nesses momentos em que eu percebo que eu fiquei sozinho... eu me lembro de Deus. Eu tinha um professor que me dizia que Deus olha o que a gente está fazendo até quando a gente está dormindo. 'Deus está sempre vendo!'
- Foi esse o professor que você encontrou no Paraguai?
- Foi. Como é que você sabe?
- Palpite.
- ?
- Deixa pra lá.
- Como deixa pra lá? Me fala! Como é que você sabe?

AS IMAGENS PERDIDAS

- Hein?
- O que foi?
- Nada.
- Ah...
- Pensei que você tivesse dito alguma coisa.
- Não.
- Certeza?
- Sim, não disse nada.
- Ah, eu pensei que você tivesse...
- Não, eu não...
- Sabe o que tem me preocupado ultimamente?
- O quê?
- Essas novas câmeras digitais, sabe?
- Como assim?
- Sabe essas novas câmeras fotográficas digitais?
- Sim, claro. Aquelas câmeras.
- Pois então, elas me preocupam.
- Mas por quê?
- Por causa da revelação.
- Da revelação?
- Sim, as câmeras digitais não têm filme e sem filme não tem revelação.
- E daí?
- Daí que sem a revelação, nenhum funcionário de reveladora vai ver as fotos - embora eles digam que não vêem as fotos, todo mundo sabe que elas vêem sim - e com esse tipo de liberdade as pessoas podem tirar fotos do que elas quiserem, sabe?
- Sei, mas o que que tem?
- Como o que que tem? Você acha saudável que as pessoas não se sintam constrangidas em tirar fotos do que elas bem entenderem?

- Acho que sim.
- Em que mundo em você vive? Você ficou maluca? As pessoas por aí tirando fotos de tudo o que elas querem sem nenhum constrangimento, sem nenhum pudor. Aquelas imagens registradas. Soltas por aí. Já pensou? Pra onde essas imagens vão depois?
- Para onde?
- Eu não sei também, mas aí é que está! Não te assusta pensar nessas imagens perdidas por aí sem saber pra onde vão ou por quê? Sem legenda, sem nome, sem explicação! Rostos, cores, perspectivas, visões de um lugar que você não sabe onde fica. Quando foi tirada essa foto? Ontem? Ano passado? Dez anos atrás? Não sei. Quem são essas pessoas? Eu já cruzei com elas na rua? Quem sabe antigos vizinhos? Será que ainda estão vivas? Será que se eu as conhecesse elas teriam alguma coisa para me dizer? Será que elas já estão me dizendo alguma coisa?

Pequena pausa

- Eu não sei de onde você tira tanta besteira!

ANÁLISE 1

- Eu não sei se eu consigo responder a tua pergunta...
- Tenta.
- A questão é que... Sabe aquelas vezes que você... E aí eu sinto que... Sabe como quando você...
- Ahã...
- E aí é sempre assim... essa coisa... E eu não quero que você pense que eu...
- Não penso.
- Não tem sido fácil... entende?
- Entendo.
- Entende nada!

CLASSIFICADOS

- Antiquário precisa de vendedores de ambos os sexos, com idade entre 20 e 30 anos que entendam de *art nouveau* e modernismo e que não tenham medo de barulhos estranhos, nem acreditem em fantasmas. Não requer experiência. Deixar telefone para contato com Ruth.
 - Escritório 24 horas recruta funcionários para turno da noite. Bom salário e benefícios. Candidatos de preferência solteiros e com carro. Relacionamentos extraprofissionais não serão tolerados. Os aspirantes devem deixar seus currículos com o Sr. Eduardo #2 do RH. Não confundir com o Sr. Eduardo #3 do P&D.
 - Tenente reformado da Marinha vende quitinete de frente para o mar, mobiliada, garagem para carro e barco, 2 banheiros, deque para pesca, ótimo estado de conservação. Motivo: sereias me chamando; tem sido duro e acho que uma noite dessas, eu acabo indo.
- _ Mãe troca três filhos de 8, 6 e 3 anos por menina de olhos verdes com idade de até 9 anos que goste de dançar balé, recitar poesia e fazer tranças no cabelo. Motivo: fadiga. Interessados devem falar com Mãe, digo, com Emma de preferência no meio da tarde, não à noite. Nunca à noite!

- Homem troca poltrona de veludo azul escuro por qualquer outra poltrona com braços; dono garante ótimo estado da peça apesar de antiga.

Motivo: o cheiro da poltrona me lembra minha mãe.

- Rapaz troca aliança de noivado novinha com safira de 3 gramas, anel de ouro maciço 14 quilates, única dona, inscrição interna não possui nome: "Para a luz da minha vida", por arma de fogo de qualquer calibre com munição. Motivo: prefere não revelar.

- *Mulher troca lindo vestido de baile verde claro, de alcinhas e saia rodada usado uma única vez, uma única noite, num único baile, por LP que contenha a música "Cry me a river" cantada por Ella Fitzgerald.* Motivo: se eu gosto de sofrer, ninguém tem nada com isso.

- *Moça procura rapaz atlético que meça entre 1,78m e 1,80m, que use bigode e aprecie passear de mãos dadas com os dedos enroscados sendo que a mão da dama deve ficar para trás, também é necessário que ele tenha cabelos castanhos, tatuagem no braço esquerdo, atenda o telefone falando: 'pronto' e tenha mania de corrigir pessoas que falam de boca cheia. Pretendentes com o nome de 'Astor' terão preferência.*

- *Rapaz procura moça para relacionamento estável e brincadeirinhas a dois. Ele diz ser simpático, educado e promete fazer todas as vontades da querida. Só pede que seja chamado pelo nome verdadeiro, não fale com voz de criança e não queira conversar no cinema.*

- *Moça procura homem para casamento; ela diz ser urgente. Acontece que sua irmã irá se casar no mês que vem e ela não poderá ir sozinha - a menos que queira enlouquecer. "Vocês não conhecem as minhas tias", diz ela. Todos aqueles que quiserem se candidatar como pretendentes se sintam desobrigados de comprar presente, só pede que não demorem muito para ligar.*

- *Rapaz bem apessoado procura moça honesta para relação sincera baseada na confiança, lealdade, respeito mútuo e que o ame por quem ele é realmente, não pela sua imensa fortuna. As interessadas devem mandar fotos e medidas para Ricardo.*

- *Moça não procura ninguém; diz que está muito bem sozinha e que se outras mulheres soubessem o bem que faz ser independente, não perderiam tempo escrevendo pra esses classificados estapafúrdios, tentando adivinhar o gosto do outros ou fazendo exigências absurdas. Quer acrescentar que toda felicidade reside em nós mesmos, não depende de ninguém mais e que nenhum homem é capaz de realmente compreender a complexidade e o esplendor da alma feminina. Termina deixando um questionamento para todos: 'alguém quer ir ao cinema comigo na sexta?'.*

AS ESTRANHAS MANIFESTAÇÕES DA FOME

- Você já conhecia este lugar?

- Não, essa parte da cidade eu não conheço muito bem.

- Pois é, nem eu.

- Vamos sentar aqui?

- Pode ser. O que aqueles dois pensam que estão fazendo?

- Se beijando, eu acho.

- Sim, mas desse jeito, num lugar público?

- Que é que tem?

- Tem que não é o lugar! Incomoda as pessoas.

- Ah, mas num lugar público é mais gostoso.

- Eu não vou nem levar isso em consideração, tudo bem?

- Ah, você tem que deixar de ser tão moralista!
- Moralista! Eu não sou moralista! Eles é que têm que deixar de ser tão sem-vergonha!
- Por quê? É o amor!
- Amor... vê se isso aí parece amor... é só... é só...
- Pare de se incomodar com os outros. O que você vai querer?
- Não sei ainda, chame o garçom. (não tira o olho do casal)
- Garçom?
- Pois não.
- Esse chocolate médio, que tamanho que ele tem?
- Mais ou menos assim.
- Tem maior?
- Tem o grande.
- E o grande que tamanho tem?
- Mais ou menos assim.
- E tem menor?
- Não.
- Não tem menor?
- Não tem menor, senhora.
- Então o menor é o médio?
- Sim, senhora.
- Mas se não existe um pequeno, como é que o menor pode ser o médio?
- Não sei, senhora.
- Isto não faz o menor sentido! Esse chocolate médio, ele vem com chantili?
- Se a senhora quiser.
- Mas daí é mais caro, né?
- Não, fica o mesmo preço.
- Ah, é?
- Sim, senhora.
- Será que eu quero um chocolate? O capuccino médio, que tamanho ele tem?
- O mesmo do chocolate.
- Ah, a xícara é a mesma?
- Sim, senhora.
- E vem com chantili?
- Se a senhora quiser.
- E é mais...
- Fica o mesmo preço, senhora.
- Ah, então tá. Então me traga um capuccino médio com chantili e umas bolachinhas de baunilha. Essa porção de 6.
- Certo.
- Essa de 6, não a de 12!
- Está bem. E a senhora?
- O quê?
- A senhora vai querer alguma coisa?

Pequena pausa

- Vou. (levanta e dá um beijo na boca do garçom)

ANÁLISE 3

- O que você achou?
- Não sei. O que você achou?
- Eu perguntei primeiro.
- Ah, eu achei bonito.
- Você nunca entende nada!
- Por que isso?
- Desculpe.
- Por que isso?
- É só uma fase.
- Nada é só uma fase!

A PARANORMALIDADE COTIDIANA

- Eu tinha um amigo, Sammy era o nome dele. E ele tinha a mania de sempre comer alguma coisa quando estivesse bebendo e vice-versa. Nunca fazia uma coisa sem a outra, não senhor. Passou muita fome e muita sede por não ter como fazer a outra coisa. Inclusive uma das suas maiores extravagâncias era ter sempre em casa o mesmo número de pratos e copos. Quando um copo quebrava, lá ia ele rapidamente quebrar um prato. Se um prato ao menos trincasse, ele já quebrava o prato e um copo pra não ter perigo!

- Perigo do quê?
- De ter um copo ou um prato a mais na casa. Um dia, a empregada quebrou um copo e não avisou.
- E daí?
- Dois dias mais tarde ele foi atingido por um raio no meio da rua voltando pra casa.
- Ele morreu?
- Não. Mas até hoje não consegue pronunciar os 'esses' direito.
- Coitado.

Pequena pausa

- E eu que tinha um vizinho, o Jimmy, que toda vez que assistia o telejornal, desligava e religava a TV 7 vezes quando acabava. Uma vez, ele pegou no sono e a TV ficou ligada a noite inteira.

- E aí?
- Quando ele acordou, ele estava vendo tudo em preto-e-branco.
- Sério?
- Como os cachorros.
- Não são os gatos.?
- Sei lá.

Pequena pausa

- E um amigo do meu primo, o Kenny, que fazia coleção de selos. Os que ele mais gostava eram os que tinham fotos de generais importantes da Segunda Guerra. Um dia o Kenny perdeu o selo do General Krauss e entrou em desespero, era um dos selos mais difíceis de conseguir. Dois meses depois, tocam a campainha, ele atende e quem está na porta?

- Quem?
- Um sujeito igualzinho ao General Krauss – a mesma barba, as sobrancelhas cerradas, usando botas e tudo!

- Era ele? O General Krauss?
- Claro que não.
- E o selo?
- Eu já falei, ele perdeu.
- Isto não faz o menor sentido...
- Eu tenho uma tia em Bloomington, Tia Debbie. Ela diz que alguns anos atrás, começou a ter a sensação de déjà-vu quando estava doente em casa, como se a sua vida tivesse se transformado em um disco arranhado, com as mesmas falas se repetindo. Foi literalmente como se a mente dela estivesse gaguejando, como se a mesma fita continuasse repetindo os mesmos pensamentos e as mesmas emoções; como se o tempo tivesse parado.
- E o que aconteceu com ela?
- Ah, não sei. (Pequena pausa) Ninguém agüentava mais ouvir ela falando da mesma coisa!
- E o que aconteceu com ela?
- Ah, não sei. (Pequena pausa) Ninguém agüentava mais ouvir ela falando da mesma coisa!
- E o que aconteceu com ela?
- Ah, não sei. (Pequena pausa) Ninguém agüentava mais ouvir ela falando da mesma coisa!

JUAN, ANA E MERCEDES

- Juan teria a coleção completa de cartões ilustrados com fotos de jogadores de baseball da liga americana de 56, caso não lhe faltasse Joe Ramirez.
- O irmão mais novo de Mercedes tem o cartão de Joe Ramirez repetido, mas nunca se importou em completar a coleção, na verdade ele queria ter o cartão de Jack Benson, seu ídolo – mas nunca conseguiu achá-lo.
- Juan tem 3 cartões repetidos de Jack Benson.
- Ana nunca se importou com baseball, mas uma vez na Cidade do México, ela dividiu um elevador com Jack Benson, Joe Ramirez e Manolo Sánchez – este último não é jogador de baseball e na verdade um escritor.
- Manolo Sánchez na verdade é o responsável por várias publicações lidas por Mercedes, mas disso ela nunca saberá, pois Manolo Sánchez escreve seus romances semi-eróticos com o pseudônimo de Paula Baker.
- Paula Baker é também o nome da primeira professora de Juan e que lhe deu o apelido de Dum-Dum.
- Ana teve um cachorro chamado Dum-Dum, um bassê marrom que morreu atropelado pelo vizinho da direita de Mercedes.
- A avó de Mercedes certa vez foi a uma festa e conheceu o avô de Juan, eles dançaram dois boleros e meio até que o avô de Juan pisasse no pé da avó de Mercedes, ela caísse e torcesse o tornozelo. O avô de Juan voltou a vê-la apenas uma vez depois que suas amigas a levaram para um pronto-socorro.
- Lá, ela foi atendida pelo primo da avó de Ana. Fosse ele muito gentil e cuidadoso, a avó de Mercedes apaixonara-se pelo delicado doutor. E 8 meses e 13 dias depois estavam casados pela igreja católica apostólica romana.
- 28 anos, 7 meses e 24 dias depois, nascia Mercedes – uma menina linda com 3 kilos e 400. 800g a menos que Juan que nasceu gordinho e foi gordinho até os 12 anos – daí seu apelido Dum-Dum.
- Ana enterrou Dum-Dum, seu cão no seu quintal no dia 13 de abril de 1988, mesmo dia em que Juan ganhava um torneio de judô e Mercedes começou a ler seu primeiro livro de Paula Baker – mas 8 anos depois, em 1996.
- Mesma data em que o avô de Juan e a avó de Mercedes se cruzaram numa feira, ele pesando cenouras, ela apalpando tomates. O avô de Juan teve a impressão de já ter visto aquela senhora em algum lugar, a avó de Mercedes o havia esquecido completamente.
- Há uma esquina entre a Compostela e a Figueroa, pela qual, toda sexta-feira, Ana passa para ir ao trabalho, Juan passa para comprar pão e Mercedes passa para visitar a avó.

- Foi nessa esquina que Dum-Dum fora atropelado e que a avó de Mercedes e o primo da avó de Ana tiveram sua primeira briga de casal. Eles discutiam sobre qual seria a melhor data para o casamento se no dia 16 de julho ou 14 de agosto. Casaram-se no dia 23 de setembro – começo do outono em Málaga onde passaram sua lua-de-mel.
- O hotel em que ficaram se chamava Hotel Andaluz de propriedade de Juan Miguel Sánchez, pai de Manolo Sánchez, mais conhecido no meio literário como Paula Baker.
- Paula Baker, a primeira professora de Juan já foi namorada do vizinho da direita de Mercedes – o tal que atropelou Dum-Dum, o cão de Ana. Depois do fim do namoro, voltou para a Filadélfia, sua terra natal e se casou com um namoradinho de infância – o jogador de baseball Joe Ramirez.
- Ele era um pouco mais velho e morrera de complicações do coração no dia 07 de janeiro – dia do aniversário de Mercedes, do avô de Juan e da melhor amiga de Ana, Suzie que aliás também lia livros de Paula Baker.
- Ana, Juan e Mercedes não se conhecem. Nem nunca se conhecerão.

O TEMPO PASSA

- Hein?
 - O que foi?
 - Nada.
 - Ah...
 - Pensei que você tivesse dito alguma coisa.
 - Não.
 - Certeza?
 - Sim, não disse nada.
 - Ah, eu pensei que você tivesse...
 - Não, eu não... (*Pequena pausa*) Eu estava pensando...
 - Á...
 - Como o tempo passa, não é?
 - Ah, o tempo passa.
 - É, o tempo passa de um jeito, não é?
 - Nossa! Se passa!
 - O tempo vai passando...
 - O tempo passa...
 - O tempo vai passando... quando você vê... já foi.
 - Não é mais o que era antes.
 - Não é mesmo.
 - Não, não é mesmo. É outra coisa completamente diferente.
 - Tudo por causa do tempo.
 - E como o tempo passa, não é?
 - Se passa!
 - Passa rápido!
 - Ligeiro!
- (pausa)
- Hein, garçom!
 - Pois não?

- Como o tempo passa, hein?
 - Ih, nem fale! O tempo passa de um jeito!
 - Vai passando, vai passando. E a gente só olhando.
 - Quando vai ver, já passou!
 - Já passou!
 - É...
- (pausa)
- Mas passa o tempo, né?
 - Ah, passa!
 - Às vezes, passa demais. É tanto tempo que a gente nem vê.
 - Ele vai passando... Nunca volta!
 - Nunca, né?
 - Nunca!
 - Ele só vai, nunca volta.
 - Nunca volta, só vai.
 - Que coisa, não é?
- (pausa)
- O quê?
 - O tempo!
 - Ah, é. Que coisa!
- (pausa)
- Hein, garçom!
 - Pois não?
 - Você tem horas?
 - São seis e meia.
 - Ainda?!?

A COMUNICAÇÃO VERBAL 2

- Alô!
- ...
- Não fala! Só escuta. Eu sei que faz muito tempo que nós dois não nos vemos nem nos falamos e nós sabemos que existe um motivo pra isso. Eu só estou te ligando... Eu nem sei porque é que eu estou ligando... Não! Sei sim. E você também sabe. Se não sabe, deve calcular. Não fala! Eu não sei como seria se a gente voltasse a falar disso. Eu só quero que você entenda... Não! Eu não quero que você entenda, eu quero que você saiba. Só isso. Se você quiser entender ou não, aí é com você. Eu vou falar o que eu tenho pra falar e aí você toma a decisão que quiser. Ou não, pode ficar sem fazer nada. Mas até isso é uma decisão, não é? A gente se esquece. Se esquecer também é uma decisão. Não precisa nem responder. Embora eu queira... Não! Esquece isso que eu disse, tá? Eu andei pensando muito e resolvi falar. Eu não quero parecer misterioso, eu só não quero ficar detalhando. A verdade é que... (muito barulho, ruídos de carros, televisão e palavras soltas: beijo, noite, cavalos, café, chafariz, delicado, Shakespeare) ...você pode não acreditar, mas é tudo verdade. Tchau.

ANÁLISE 2

- Eu acho que aí é que está a questão!

- Eu não acho que seja aí que está a questão.
- Insensível!
- Alienada!

A COMUNICAÇÃO VERBAL

- Não que eu queira que você me responda o que eu quero ouvir. Nem quero que você se sinta na obrigação de qualquer coisa. Não que eu ache que você é um objeto. Não que eu esteja assim um pouco mau de saúde. Nem que eu esteja apenas carente. Eu não sou uma daquelas pessoas que se sentem solitárias com freqüência. Não que eu ache errado a gente se sentir sozinho, não é? Afinal, a solidão é o mal do século. Não sei se deste século ou do outro século. Na verdade, eu sei que foi algum escritor famoso que disse isso, só não me lembro quem foi. Bom, também não importa. Não que eu não me importe com escritores. Eu acho o conhecimento uma coisa muito importante também. Não que o mistério não seja. Eu acho que tem certas coisas que a gente não precisa saber mesmo.

Não que eu ache que você está se sentindo sozinha. Não interprete isso como nenhum tipo de ajuda ou consolo. Não que eu ache que você é uma daquelas pessoas que precisam de consolo. Nem de ajuda. Não, não é isso. Nem que eu não acredite na solidariedade. Eu acredito, claro. O que seria do mundo sem a solidariedade, não é? A gente passa por tanta coisa. A gente nunca sabe o que vai acontecer no futuro. Não que isso seja só uma brincadeira também. Não ache que estou brincando nem um pouco. Não que seja uma coisa tão séria também, como uma tragédia e coisa e tal. Não que eu seja uma daquelas pessoas dadas a desatinos e loucuras. Não que eu leve tudo tão a sério também, a vida precisa de um pouco de loucura, não é? Não que eu seja uma daquelas pessoas que saem por aí enlouquecidas, não quero que você pense isso. Eu nunca seria capaz de machucar uma pessoa.

Nem quero que você pense que isso tudo tem uma implicação tão profunda que depois você não possa sair dela, nem que a sua vida vai mudar completamente e que nunca mais as coisas serão as mesmas. Você faz o que você quiser depois, tá? Não quero que você se sinta obrigada a nada. Se eu tiver sendo indelicado ou abusivo, você pode me dizer. Não quero que você se sinta desconfortável em relação a isso.

Na verdade, o que eu quero te dizer, aquilo que eu quero que você saiba é que... olha, eu falei antes que não queria que fosse alguma coisa que tivesse uma implicação profunda e... e não é verdade, eu quero que isso tenha uma implicação profunda, eu quero que a sua vida mude, eu quero que o mundo inteiro se transforme depois que eu disser que: (só move os lábios sem emitir som) eu te amo.

MAIS CAFÉ?

- Hein?
- O que foi?
- Nada.
- Ah...
- Pensei que você tivesse dito alguma coisa.
- Não.
- Certeza?
- Sim, não disse nada.
- Ah, eu pensei que você tivesse...
- Não, eu não...
- Você dormiu bem?
- Não, e você?
- Também não.
- Por que será?
- Não sei, acho que a cama.

- A cama? E o barulho?
- Barulho do quê?
- Das moscas!
- Que moscas?
- Você não ouviu as moscas?
- Eu não faço a menor idéia do que você esteja falando.
- As moscas. Aquelas azulzinhas. Pelo quarto inteiro.
- Não tinha mosca nenhuma no quarto.
- Mas eu ouvi.
- Você ouviu... você não parava de falar...
- Eu falei dormindo?
- Dormindo nada. Você até ficou de pé na cama.
- Isto não faz o menor sentido! Você tá ficando louco?
- Você ficou de pé na cama, bateu continência e começou a discursar sobre como a pontualidade é uma coisa à qual as pessoas não dão mais valor.
- Pontualidade?
- Sim e depois vestiu um casaco militar vermelho e começou a marchar pelo quarto todo. Aí eu perguntei: 'aonde você vai?' E aí você me olhou brabo e falou com a voz da minha mãe: 'são 6h30'. E não eram, eram 3h40. Aí eu me virei e voltei a dormir.
- Você não acha que você pode ter sonhado?
- Acho que não.
- Como é que eu posso ter marchado pelo quarto com um casaco militar se eu estava ocupado com as moscas?
- Que moscas?
- Eu já falei. Aquelas azulzinhas. Primeiro elas foram entrando no quarto uma atrás da outra, depois começaram a girar pelo teto, aí começou a tocar uma música – acho que no quarto ao lado – e elas começaram a dançar. Mais ou menos como um cardume. Aliás, eram muito parecidas com um cardume porque elas eram azulzinhas e brilhavam como as escamas prateadas dos peixes. Elas faziam evoluções e rodopios e por fim voaram formando um '8'. Só que deitado. Como o infinito, sabe?
- Sei...
- É, era como um infinito... você não lembra?
- Só lembro de você imitando a minha mãe e gritando feito um general.
- As moscas não me incomodavam, sabe? Eram até bonitas, girando... não me deixavam dormir...
- 'São 6h30' – dizia ela, bem braba...
- Todas aquelas moscas girando como um infinito... você falou 3h40?
- Sim.
- Ah, as moscas só chegaram às 5h50.
- Ah, então foi isso!
- É... Mais café?
- Aceito!

POP QUIZ

L - 378 vezes 516.

A - 195.048.

T - Qual a capital de Botswana?

A - Gaborone.

D - E da Indonésia?

A - Jacarta.

T - A que país pertence a Ilha de Páscoa?

A - Ao Chile.

D - Quem foram os primeiros povoadores de Andaluzia?

A - Os tartésios, durante o segundo milênio antes de Cristo.

L - 782 vezes 1.180.

A - 922.760.

F - Existe realmente alguém especial para cada um?

A - Não, não existe.

F - Ah... que pena.

T - Por que há tanto sofrimento no mundo?

A - Para que haja aprendizado.

T - Hummm...

L - 987 divididos por 56.

A - 17 vírgula 625.

T - Foi mesmo Shakespeare quem escreveu todas aquelas peças?

A - Foi.

T - Que coisa!

D - Onde eu perdi meu relógio?

A - Você não perdeu. Caiu atrás da gaveta do seu criado-mudo.

D - Obrigado.

F - Por que a Paula Baker nunca tira fotos de divulgação para os seus livros?

A - A verdadeira Paula Baker é uma professora de primário, viúva de Joe Ramirez, o antigo jogador de baseball do Philadelphia Phillies. A Paula Baker dos livros semi-eróticos é na verdade um homem calvo e gordinho chamado Manolo Sánchez e que por coincidência é canhoto como a verdadeira Paula Baker. Mas eles não se conhecem... Nem nunca se conhecerão.

L - 7.120.857 menos 1.899.673.

A - 5.221.184.

D - Quem comeu o pudim que eu deixei na geladeira do escritório?

A - O Eduardo #3 do P&D.

D - E eu achando que tinha sido o Eduardo #2 do RH...

A - Ele comeu o sanduíche do Eduardo #4 da Contabilidade, e ele pensa que foi você!

D - Maldito Eduardo #2 do RH!

F - Deus realmente está sempre olhando o que nós fazemos?

A - Não. Às vezes ele se distrai.

F - (muito alegre) Eu sabia!

T - Elvis está vivo?

A - Não.

T - Nem Jim Morrison?

A - Também não.

L - 173.455 menos 788.613.

A - 615.158. Negativos, evidentemente.

D - O que resolveria o meu problema?

A - Tomar chá de boldo por 13 dias.

D - Só isso?

A - Só.

D - Sério?

A - Sim.

D - Puxa! Nunca teria pensado que era tão simples.

A - Mas é.

T - E o meu?

A - Você não tem nenhum problema.

T - Não?

A - Você tem os problemas que todo mundo tem, você só imagina que tem mais problemas. Mas não tem.

T - Isto não faz o menor sentido!

L - 553.736.829 divididos por 6.

A - 184.578.943.

L - Não!

A - Você falou 6 ou 3?

L - 6.

A - Nesse caso, 92.289.471...

L - A...

A - ...e meio.

L - Saco!

F - O senhor realmente sabe tudo?

A - Ninguém sabe tudo.

A COMUNICAÇÃO VERBAL 3

- Alô? Oi. Sou eu de novo. Por favor, não fala nada! Pelo amor de Deus, não fala nada... Eu tenho que te falar mais algumas coisas e eu te peço, ainda que seja difícil, que você não me interrompa, tá bem? Antes de tudo, desculpa. Mil desculpas, eu não sei porque eu fiz isso... você deve tá pensando porque é que eu tô pedindo desculpas, né? É que aquela hora quando eu liguei, aquelas coisas que eu disse... bom, não eram verdades. Eu bem queria que fossem, mas não são. Eu acho que você faria o mesmo no meu lugar. Quer dizer, não sei. Talvez seja difícil pra você se colocar no meu lugar tanto quanto é pra mim me colocar no seu. Mas eu tentei e é por isso que eu estou te ligando de novo. Pra dizer que nem tudo daquilo são verdades. Tem uma parte que é, por exemplo, quando eu disse que... (ruídos, só se escapam as palavras beijos, chafariz, café) mas era mentira a parte do (cavalos, delicado, noite, Shakespeare). Não sei se adianta eu te dizer essas coisas quando eu mesma disse que não eram verdades o de antes. Mas isso é e você deve imaginar o quanto me dói ter que assumir isso. Não fala nada! Pelo menos por enquanto, eu não sei se eu iria agüentar. Me perdoa se você for capaz. Tchau.

UTOPIAS

- Oi, tá ligado?... Oi, boa noite. Eu tô aqui pra dizer que o que eu quero é não precisar dormir tanto. Eu gosto de dormir, mas é que eu acho que a gente dorme demais. Pra quê tudo isso? Pra quê que a gente tem que dormir oito horas por dia? A gente dorme um terço das nossas

vidas! Eu acho demais! Pensem no tempo que a gente perde na vida: no trânsito, dentro de elevadores, escovando os dentes... A gente leva um pouco mais de 3 minutos para escovar os dentes bem. Isso corresponde a mais ou menos 10 minutos por dia. O que leva a 300 minutos por mês! A gente gasta 5 horas todo mês só escovando os dentes! Não bastasse isso a gente ainda tem que dormir um terço do tempo que há num dia? Ah, não! Eu preferia que a gente dormisse menos para poder perder tempo com outras coisas inevitáveis. Acho que umas quatro horas já seriam suficientes. Não perder tanto tempo dormindo. Obrigada.

- Se fosse possível eu queria me transportar apenas com um balão. Sabe? Aqueles coloridos de ar quente? Então. Eu queria que fosse possível eu me transportar apenas com balão. Pra cá e pra lá. Sempre de balão. Nada de carros, ônibus, metrôs, aviões, helicópteros, bicicletas, motos, patins. Bom, talvez patins para as menores distâncias. Mas as bem pequenas como daqui até a outra esquina ou a próxima. Um pouquinho mais longe como ir até o centro ou uma consulta ao médico, eu iria de balão. Não precisaria nem estacionar, eu o deixaria flutuando em cima dos lugares onde eu visitasse e desceria por uma escadinha até o chão. Balão. Obrigado.

- Eu gostaria de sempre saber quando estão mentindo pra mim, sabe? Algumas pessoas percebem isso mais facilmente, mas eu não. Eu tenho uma dificuldade enorme em adivinhar quando uma pessoa está mentindo. Eu não sei, eu acho que eu acredito demais nas pessoas. Não que eu não minta às vezes, não é uma questão de ser verdadeiro. Não queria nem que deixassem de mentir pra mim. Não! Deus me livre! Que continuem mentindo pra mim. É um sinal de respeito quando alguém se dá ao trabalho de inventar uma mentira pra você. Acho que pior do que não saber quando estão mentindo, é ter certeza de que tudo que se está ouvindo é verdade. Eu só queria saber quando é que é uma coisa e quando é outra. Bom, isso que eu falei é verdade, tá? Eu não tô mentindo... He he. Saber quando mentem pra mim, obrigada.

- Olha, eu queria ter uma vida diferente a cada dia. Vou explicar: todo mundo sempre reclama da rotina. Rotina no trabalho, rotina no casamento, rotina em tudo. O que eu queria é que a cada dia, a gente tivesse uma vida diferente. Acordasse em outro lugar, com outro nome, com outro emprego, com tudo novo. E com todo mundo seria a mesma coisa. Todo dia, você não é mais o que era ontem. Um dia, você é rico, outro dia, você é pobre. Um dia você é alto, outro dia, baixo. Homem, mulher, jovem, idoso, loiro, moreno, míope, musculoso, japonês... As variações são infinitas. Você só tem um dia pra viver aquela vida. É quase o mesmo princípio da reencarnação, só que bem mais rápido. Acho que isso ajudaria as pessoas a se colocarem no lugar das outras. Se o dia for ruim, o outro dia pode ser melhor. Se o dia for muito bom... então, você teve um dia bom, não importa o que venha no próximo dia, você já acorda de bom humor! Pode parecer desapego, mas tem suas vantagens. Ter uma vida nova todo dia, obrigado.

- O que eu queria... o que eu queria mesmo... o que eu queria de verdade, mais do que qualquer outra coisa... não sei se mais do que qualquer outra coisa, mas pelo menos o que me ocorre agora é que alguém ouvisse uma história minha até o fim. Porque sempre que eu estou contando uma história... Quer dizer, quando eu tô contando uma história, fazendo um comentário, dizendo o que se passou em uma situação, alguém me interrompe ou então a pessoa se cansa, muda de assunto, arranja uma desculpa pra fazer outra coisa. Toda vez. Toda vez mesmo. Não tem uma história que eu possa dizer: 'ó, essa história eu contei pro Fulano'. Os Fulanos simplesmente não me escutam até o fim. Uma vez eu cheguei perto. Eu tava falando com um amigo sobre quanto agrotóxico a gente ingere na vida comendo tomates e aí ele me disse... o quê? Meu tempo acabou? Encerrar? Ah, tá. Tá certo então. Contar uma história até o fim. Obrigado.

- O que eu queria não era impossível. Ainda que sobrenatural... Eu queria sonhar uma pessoa. Com riqueza de detalhes. Este projeto esgotou todo o espaço da minha mente. Se alguém me perguntasse onde eu morava ou qual o meu nome, talvez eu não conseguisse responder. Porque sonhar uma pessoa – como qualquer outra coisa – com riqueza de detalhes é muito difícil. Manipular a matéria incoerente de que são feitos os sonhos talvez seja a coisa mais difícil que alguém possa tentar realizar. Depois de um tempo, eu entendi. Eu entendi que eu não conseguiria realizar a minha utopia pelo simples motivo de que essa pessoa, esse sonho, era eu. Um sonho de uma outra pessoa. Eu fico imaginando o que vai acontecer quando essa pessoa acordar...

Traduções e roteiro: Diego Fortes (junho a agosto de 2005)